

**“MAJOR” PACHECO**

*Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho\**

**Resumo:** *Biografia do Tenente-coronel Manuel José Vaz Pacheco, o “Major” Pacheco, intelectual e político republicano e abolicionista do interior do Estado de São Paulo.*

**Abstract:** *Biography to Tenent-Coronel Manuel José Vaz Pacheco, known as Major Pacheco, intellectual, abolitionist and republican politician from the interior of São Paulo State.*

Tenente-coronel Manuel José Vaz Pacheco, o “Major” Pacheco, nasceu a 2 de novembro de 1843, em Capivari, filho legítimo de Francisco de Almeida Pacheco<sup>1</sup> e de Maria Assunção Arruda Amaral (ou Maria Augusta Vaz de Arruda Amaral)<sup>2</sup>, sendo neto paterno de Estanislau de Campos Pacheco com Ana de Campos Pacheco (que eram primos)<sup>3</sup> e neto materno do Guarda Mor de Porto Feliz Manuel José Vaz Botelho<sup>4</sup> e Maria do Amaral Gurgel<sup>5</sup> <sup>6</sup>. Foi casado com Joaquina Augusta Ribeiro de Camargo, que faleceu em São José do Rio Pardo no ano de 1902 <sup>7</sup>, filha do Comendador Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro <sup>8</sup> <sup>9</sup> e de Maria Gertrudes dos Santos Camargo<sup>10</sup>.

Manuel José Vaz Pacheco “*não era homem de campo, dado mais às letras*”. “*Deixou muita coisa escrita, que a família não soube guardar, perdeu-se com o rolar dos anos*”. Era um intelectual “*de idéias bastante avançadas para a época*”. “*Jornalista, poeta e ardoroso defensor dos menos favorecidos da fortuna*”, “*gostava de polêmicas*”. Republicano e abolicionista, foi amigo de Campos Sales, Prudente de Moraes, Bernardino de Campos e outros. Libertou todos os escravos que lhe couberam por falecimento do sogro, monarquista e escravocrata, que comentava: “*Pois o mal está dentro de nossas próprias famílias, dentro de nossa casa. E citava o procedimento do genro que, ao lado dos republicanos, incendiavam a Nação*”. “*Até o meu*

*genro, rapaz inteligente, instruído, ao invés de cuidar de seu patrimônio, meteu-se no grupo do Campos Sales, do Quintino, do Prudente, e andam de cidade em cidade, levantando o povo*”<sup>11</sup>.

Residiu em Serra Negra, onde tomou posse como vereador em 7 de janeiro de 1887, renunciando no mesmo ano por motivo de mudança. Transferiu-se para São José do Rio Pardo, onde foi escrivão e fez parte do “*Club XIX de Março*”, do qual foi tesoureiro<sup>12</sup>.

São José do Rio Pardo foi atingida pela febre amarela. “*Fevereiro de 1903 ia pela metade*”. “*O estado de penúria da população, da sempre próspera São José, era assustador. Agora eram dois inimigos: a febre e a fome*”. “*O delegado Urias, o farmacêutico Tarquínio, o secretário José Honório, o tabelião Manoel Pacheco ficaram nos seus postos e formaram uma ‘Comissão de Socorro’. Era preciso salvar vidas*”<sup>13</sup>.

O republicano Francisco Glycério, em carta datada de 4 de novembro de 1913, enviada ao Dr. Jovino de Sylos, escreveu: “*Estou satisfeito com o resultado da eleição municipal em São José do Rio Pardo, minha segunda terra natal, tanto mais que vi o Alipio à frente das hostes que pelejaram e venceram. Vou agir no sentido do reconhecimento do Diretório que se formar com os elementos vencedores na eleição municipal. Mas, antes, preciso que os amigos me informem se todos os elementos que se ligaram para vencerem a eleição municipal continuam ligados e fundidos para elegerem um Diretório, e também para apoiarem o govêrno do Estado e a Comissão Diretora. Aguardo sua resposta, e peço recomendar-me aos nossos amigos Alipio, dr. Costa Machado, Damazo, Vicente Dias, Antonio Candido Machado, Manoel J. Vaz Pacheco e outros*”<sup>14</sup>.

Manuel José Vaz Pacheco foi eleito vereador e veio a ser presidente da Câmara Municipal de São José do Rio Pardo de 1914 a 1916<sup>15</sup>.

Teve seis filhos com sua legítima esposa: Maria Augusta (Mariquinha), Francisco, Isaura, Manuel (Nhonhô), Alzira (Tita) e Gustavo<sup>16</sup>. Faleceu em São José do Rio Pardo, na Rua Floriano Peixoto, nº 8, às 4 horas e 20 minutos do dia 12 de dezembro de 1919, de arteriosclerose generalizada, sendo o óbito atestado por Nelson da Silva Leite<sup>17</sup>.

Deixou testamento cerrado, datado de 1º de agosto de 1919, em que reconheceu o filho Arthur, havido, após o falecimento de sua mulher, com a portuguesa Cândida Silva, solteira. “*Recomendo a meus filhos que olhem para o Arthur, que lhe dispensem todo o cuidado e carinho e que cui-*

*dem de sua educação, continuando os seus estudos, mesmo porque elle deve ficar com recursos para isso, e bem assim que lhe forneçam dinheiro para as suas despesas, durante a sua menoridade, de modo que elle não venha a soffrer miseria nem passar por vexame por falta de dinheiro”<sup>18</sup>.*

Em seu testamento ainda dispôs: “*Peço que meu enterro seja feito com a maior simplicidade, dispensando-se os officios religiosos, como recomendação, missas, etc, que eu reputo inuteis. Entretanto, se a familia fizer questão esses sufragios porderão ser feitos, como satisfação à sociedade, mas inutilmente*”<sup>19</sup>.

Nos autos de inventário dos bens deixados por falecimento do Tenente-coronel Manuel José Vaz Pacheco foram arrolados: mais ou menos 45 alqueires de terras da Fazenda Paraíso, no Distrito de São Sebastião da Gramma, avaliada por 22:500\$000; com 38.000 pés de café formados, por 49:400\$400; mais uma casa de morada, no importe de 1:000\$000; uma tulha e paiol, por 400\$000; 8 casas para colonos, no total de 3:700\$00; uma casa menor, por 300\$000; 2 casas duplas, no valor de 1:100\$000; terreiro com lavador, por 300\$000; 2 casas de morada, muito estragadas, no cafezal, por 150\$000. Em São José do Rio Pardo possuía: casa de morada na Rua Benjamin Constant, nº 34, esquina com a Rua Ruy Barbosa, dividindo, por um lado, com Nabor de Camargo Andrade e, pelos fundos, com Antônio de tal, avaliada em 4:000\$000; uma casa na Rua Silva Jardim, nº 22, dividindo, pelos fundos, com a viúva Pourrat e, pelos lados, com Serafim Felipe e Manuel Coelho, por 3:000\$000; casa na Praça Prudente de Moraes, nº 16, que dividia com o Coronel Luiz Thomaz de Andrade por um lado, sendo por outro, com João Carneiro de Araújo Velho e, pelos fundos, com Basilina de Assis, no valor de 6:000\$000; uma casinha e uma meia água estragadas e terreno situados na Rua Benjamin Constant, nº 17, confrontando, por um lado, com Domingos Rancan, por outro, com a viúva Pourrat e, pelos fundos, com José Claudino e outros, tudo por 2:000\$000. O valor do monte mor foi 93:850\$000, sendo o líquido a partilhar de 90:759\$076<sup>20</sup>.

Encontra-se enterrado no Cemitério Municipal de São José do Rio Pardo, juntamente com seu filho Arthur Pacheco. Em São Sebastião da Gramma há uma rua em sua homenagem - “Major Pacheco”.

Manuel José Vaz Pacheco era, também, tio do Doutor Mauro Pacheco, advogado, promotor de justiça, primeiro diretor do jornal “*O Rio Pardo*” e integrante do clube socialista em São José do Rio Pardo, que fez

parte da restrita roda de amigos do escritor Euclides da Cunha no período em que este aí esteve atuando como engenheiro na reconstrução da ponte sobre o rio que dá nome à cidade<sup>21</sup>.

Mauro Pacheco, natural de São Carlos do Pinhal, era filho de Estanislau de Assunção Pacheco (irmão germano do “Major” Pacheco) com Maria Amélia do Amaral Pinto. Casou-se, no dia 22 de dezembro de 1900, em São José do Rio Pardo, com Cybelle Mesquita Ferreira Novo, nascida em Campinas, filha de João Gonçalves Ferreira Novo e Luiza de Mesquita. Foram testemunhas do ato nupcial: Francisco de Escobar e Francisco Gonçalves Ferreira Novo<sup>22</sup>.



Ten.-cel. Manuel José Vaz Pacheco e s/m. Joaquina Augusta Ribeiro de Camargo

---

\* O autor é quarto neto do biografado.

<sup>1</sup> LEME, Luiz Gonzaga da Silva. “*Genealogia Paulistana*”. São Paulo: Duprat e Comp., 1904, v. 4, p. 467, nº 7-3 de 6-1.

- 
- <sup>2</sup> Idem, página 114, nº 5-12.
- <sup>3</sup> Idem, página 190, nº 4-1.
- <sup>4</sup> Idem, página 109, nº 4-1.
- <sup>5</sup> LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Op. cit.*, São Paulo: Duprat e Comp., 1905, v. 6, p. 131, nº 5-10.
- <sup>6</sup> BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. “*A Família Amaral Gurgel (revisão crítica e contribuições genealógicas)*”, in Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro (1939-1989), São Paulo, 1991, p. 675, F 12.
- <sup>7</sup> DAUNT, Ricardo Gumbleton. “*Diogo Antônio Feijó na tradição da Família Camargo*”, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1944, v. XLIII, p. 136, nº 7-6.
- <sup>8</sup> Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, filho do Sargento Mor Miguel Ribeiro de Camargo e Querubina Rosa de Azevedo e Castro, era proprietário da Fazenda Pedra Alta, em Campinas, onde foi vereador e presidente da Câmara Municipal. Amigo íntimo do Regente Padre Diogo Antônio Feijó, parente de sua mulher. Hospedou o Imperador Dom Pedro II em 1846, tendo sido agraciado com a Imperial Ordem da Rosa. Era tenente coronel chefe do Estado Maior da Guarda Nacional de Campinas, Bragança, Atibaia, Nazaré, Jundiá e Piracicaba (DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Op. cit.*, páginas 119 e 120, nº 6-1).
- <sup>9</sup> MENDONÇA, Luiz Carlos Sampaio de. “*Os Andradas (ascendentes e colaterais)*”, in Brasil Genealógico - Revista do Colégio Brasileiro de Genealogia, Tomo I, nº 3, 1962, p. 261, nº IV-2.
- <sup>10</sup> Maria Gertrudes dos Santos Camargo, filha de Joaquim José dos Santos e Francisca de Assis de Camargo, casou-se com Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro no mesmo dia que sua irmã, Senhorinha Francisca de Jesus, contraiu matrimônio com o Capitão Bento José dos Santos, “*celebrando-se faustoso cerimonial e brilhantes festividades, ambas as noivas trajando vestes nupciais feitas com arte e luxo. D. Maria Gertrudes vestia uma primorosa ‘toilette’ de setim branco recamado a ouro. Senhorinha ostentava um rico vestido bordado à prata. Os trajes de ambas as noivas, considerados, segundo a tradição, dos mais finos e caprichosos labores, foram, em voto nupcial, doados, respectivamente, às imagens de N. S. da Conceição e N. S. das Dores*” (DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Op. cit.*, páginas 37, 119 e 120, nº 6-1).
- <sup>11</sup> MATTOS, Dirceu Pacheco de. “*Solar das Ilusões*”, São Paulo, 1988, p. 54, 78 e 90.
- <sup>12</sup> “*Polyanthéa*”, junho de 1912, página 14.
- <sup>13</sup> DEL GUERRA, Rodolpho José. “*A São José, una nuova storia*”, São Sebastião da Gramma, 1999, p. 154.
- <sup>14</sup> SYLOS, Honório de. “*Glycério em São José do Rio Pardo*”, São Paulo, 1946, p. 5.

---

<sup>15</sup> “1886-1986 Centenário de instalação da Câmara Municipal de São José do Rio Pardo - 8 de maio”, página 12 (Relação dos Presidentes da Câmara).

<sup>16</sup> LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Op. cit.*, volume 1º, Duprat e Comp., São Paulo, 1903, p. 221, nº 7-6.

<sup>17</sup> Registro Civil das Pessoas Naturais da Comarca de São José do Rio Pardo - Livro nº 021 de Registro de Óbitos, fls. 395-F, nº de ordem 636.

<sup>18</sup> Ofício Cível da Comarca de São José do Rio Pardo - Testamento - autuação de 12-DEZ-1919.

<sup>19</sup> *Idem.*

<sup>20</sup> Ofício Cível da Comarca de São José do Rio Pardo - Inventário - autuação de 23-JAN-1920.

<sup>21</sup> DEL GUERRA, Rodolpho José. “*Conhecendo Euclides da Cunha ano 100 (1898-1998)*”, Coleção Municipal, São José do Rio Pardo, 1998, v II, p. 22.

<sup>22</sup> ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy - comunicação pessoal.